

ARTE, CORPO E TERAPIA OCUPACIONAL: APROXIMAÇÕES, INTERSECÇÕES E DESDOBRAMENTOS*

Eliane Dias de Castro**

CASTRO, E.D. Arte, corpo e terapia ocupacional: aproximação, intersecções e desdobramentos.
Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v.11, n.1, p.7-12, jan./abr., 2000.

RESUMO: Um dos desafios dos terapeutas ocupacionais a partir de meados dos anos 80, foi apresentar uma melhora real na qualidade de oferta às pessoas que vivenciam o processo de reabilitação. Este artigo busca discutir a importância da arte e do corpo sob a óptica da necessidade de propiciar a invenção de novas práticas. São temas que proporcionam aos pacientes as mesmas oportunidades que são oferecidas à outros cidadãos, pois configuram-se como instrumentos de transformação de rotinas e ordem estabelecidas. Além disso, oferecem às pessoas instrumentos que permitem o crescimento pessoal, a reconstrução material e simbólica da vida, a busca da autonomia, a interação e inclusão social.

DESCRITORES: Terapia ocupacional, tendências. Terapia pela arte. Terapia ocupacional, recursos humanos. Formação profissional, tendências.

APROXIMAÇÕES

Para apresentarmos algumas reflexões e algumas questões sobre o extenso tema que se tornou a nossa tarefa, é importante resgatarmos um panorama a partir do qual desenvolvemos nosso trabalho, e que possibilitou a articulação dessas três áreas de conhecimento, e que vem se constituindo como temas de estudos teóricos e de experiências práticas.

Isto nos remete ao início da década de 80, quando sob influência da antipsiquiatria, e posteriormente, dos movimentos de desinstitucionalização psiquiátrica e de luta pelos direitos das pessoas deficientes, o conceito de

Reabilitação adquiriu significações diferenciadas e complexas, e níveis diversos de ações de maior eficácia na transformação da vida dos pacientes, passaram a fazer parte do cotidiano dos profissionais de Terapia Ocupacional.

A pesquisa teórico-prática e o trabalho cotidiano do profissional passam a se voltar para micro-rupturas do sistema de saúde e da organização social na perspectiva de revelar recursos e meios de operar neste campo, visando a reconstrução plena da cidadania dos pacientes - que é a única reabilitação possível.

No âmbito da psiquiatria, a luta pela aquisição da cidadania está intimamente ligada à "desconstrução"

* Artigo apresentado no VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, realizado em Águas de Lindóia, SP, 28 set. a 1 out. 1999.

** Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, FMUSP. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Endereço para correspondência: Centro de Docência e Pesquisa em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Rua Cipotânea, 51. 5360-160. São Paulo, SP. e-mail: centroto@edu.usp.br

da instituição psiquiátrica e à reconstrução material e simbólica da vida e da subjetividade de cada pessoa (BARROS, 1994, p.96)¹.

As organizações de pessoas com deficiência, no decorrer desse período, começam a formular um novo conceito de deficiência que irá conectar as limitações vivenciadas, o projeto e estrutura de seus ambientes à atitude geral da população e aos direitos das pessoas com deficiências, enfatizando as mesmas oportunidades que outros cidadãos, bem como uma melhoria das condições de vida, resultantes do desenvolvimento econômico e social (ONU, 1996)⁷.

Com esses pressupostos, as novas noções de Reabilitação relacionam-se à construção de propostas de vida para o paciente não só provenientes dos serviços de psiquiatria e saúde mental mas também, na atenção às pessoas com deficiência física, mental, sensorial, orgânica e outras. As ações relacionadas ao tratamento e à transformação concreta da vida, passam a auxiliar na reconstrução plena da cidadania, dos direitos substanciais (afetivos, relacionais, materiais, habitacionais, produtivos e culturais).

Há, com isso, uma demanda de transformação cultural nas práticas em saúde e nas relações sociais. A partir dos anos 80, o novo interesse dos profissionais que atuam no campo da reabilitação é, de fato, pesquisar as transformações ocorridas nas dinâmicas sociais, culturais, econômicas dos pacientes e das populações chamadas “*excluídas*”, com o intuito de apresentarem uma melhora real da qualidade de oferta aos pacientes, reivindicando para estes as mesmas oportunidades que são oferecidas a outros cidadãos.

Em 1996, a ONU⁷ lança normas sobre a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência, cuja Norma 10 - Cultura, objetiva garantir que pessoas com deficiências sejam incluídas nas atividades culturais e possam participar delas numa base igualitária; garantir a oportunidade de pessoas com deficiências de usar o potencial criativo, artístico e intelectual, e a acessibilidade a eventos e serviços culturais.

A nova direção dos processos de reabilitação consiste em trabalhar no sentido de aumentar a tolerância social, depende de lutas conduzidas para discutir e ampliar os direitos dos pacientes, e dinamizar os fenômenos inclusão/exclusão. Cronificação e exclusão não são produtos da doença, mas de uma constelação de variabilidades que podem ser modificadas e orientadas na intervenção. São muitas vezes variáveis ligadas ao contexto microssocial (família e

comunidade) e pressupõe estratégias de gerenciamento ambiental bem distintas das estratégias propostas pelo modelo biomédico (SARACENO, 1995, p.11)⁸.

Quando este novo contexto, esta nova proposta clínica, quando toca os temas da Arte e do Corpo, trata-se, num primeiro plano, de propiciar a invenção de novas possibilidades e finalidades, novas formas de vida. Trata-se de proporcionar um conhecimento e uma experiência com outros recursos que passam a auxiliar na transformação das rotinas e ordem estabelecidas, em oferecer às pessoas instrumentos que sejam para seu próprio uso, permitindo crescimento pessoal, autonomia, interação social e a inclusão cultural.

Este novo panorama, estabeleceu uma necessidade de construir um trabalho que apresentasse uma melhora real da qualidade de oferta aos pacientes, com novas possibilidades de atividades realizadas no cotidiano, que despertassem o interesse, o gosto, a vontade de instrumentalização técnica, enfim, outros caminhos que não só a assistência específica ao diagnóstico, à “doença” e à deficiência.

Assim, com um interesse simultâneo à arte e ao corpo, e entendendo que apresentam-se como possibilidades no universo das atividades e produções humanas, portanto componentes do campo da Terapia Ocupacional, adentramos na busca teórica e no exercício prático desses campos.

A Arte e o Corpo são por si só campos de conhecimento essencialmente transdisciplinares, reconhecidos e explorados pela Filosofia, pela Psicologia, pelas Comunicações, pela Educação, pelos estudos antropológicos, e também pela Terapia Ocupacional. Arte e corpo apresentam pontos de confluência entre a necessidade de expressão humana e a constante construção da linguagem, são veículos e podem tornar-se campos de referência para a comunicação de cada pessoa. O contato e a convivência com estes temas ocasionam reflexos no desenvolvimento pessoal, na organização do cotidiano, nas relações interpessoais e possibilitam um diálogo com a cultura. São vivências e trabalhos que estabelecem conexões entre os momentos da vida de cada um e de sua interação com o mundo, favorecem um trânsito entre o mundo interno e externo, e configuram-se como possibilidades de conhecimento.

Aqui, começamos a entrar nas intersecções entre a Arte, o Corpo e a Terapia Ocupacional, no sentido de apontá-las, selecionei alguns aspectos que me parecem essenciais para aprofundarmos um pouco estes temas.

INTERSECÇÕES

PRIMEIRO ASPECTO

O campo de nossa ação, situado com referências na arte e no corpo, partiu de um diálogo com esses princípios gerais das novas práticas clínicas e identifica em relação à população atendida em Terapia Ocupacional, um conjunto de necessidades: necessidade de expressão pessoal; necessidade de comunicação; necessidade de conhecimento do corpo, das possibilidades da arte, de métodos e técnicas de instrumentalização nesses campos; necessidade de participação em grupos de atividades; necessidades de compreensão de si mesmo e do mundo que nos circunda; necessidade de diálogo e apropriação da cultura, a partir de práticas de inclusão sócio-cultural.

Toda a busca que empreendemos de conhecimento de técnicas e metodologias de trabalho surgiu deste diálogo, e da identificação destas necessidades. Assim, o terapeuta ocupacional que mergulhar neste campo tornar-se-á um interlocutor da população que atendemos e com a qual estamos comprometidos. Portanto, as metodologias e os instrumentais técnicos deverão possibilitar o estabelecimento de um diálogo que se dá a partir das necessidades dos pacientes e da busca da autonomia pessoal e da cidadania.

SEGUNDO ASPECTO

O contato e a aproximação desses campos de conhecimento pressupõe um gosto e uma disponibilidade de formação, lenta, paciente e gradual, uma instrumentalização técnica, de conhecimento do material, dos instrumentos de trabalho, das possibilidades de criação, expressão, comunicação e do entendimento das composições não-verbais, a nível prático e teórico. Arte e corpo constituem experiências no universo das linguagens não-verbais, que diferem das linguagens discursivas apresentando componentes simultâneos, e um número excessivo de relações, dentro de relações, que partem da experiência sensorial, cujo processo por si só já é uma formulação.

“Trata-se fundamentalmente de um envolvimento com o fenômeno orgânico e mensurável e está profundamente envolvido no processo real de percepção, pensamento e ação. É um mecanismo orientador e sem ele a civilização perde o seu equilíbrio e cai no caos espiritual e social” (READ apud CASTRO, 1992, p.83)³.

Os campos de instrumentalização em abordagens corporais e o estudo e prática das atividades artísticas, nos remete a um fértil campo de experiências. Experiências vinculadas aos órgãos dos sentidos: visão, audição, paladar, tato, olfato e, à propriocepção, às percepções, às sensações, às imagens mentais, à imagem corporal e aos sentimentos. Experiências que nos remetem à história pessoal, ao desenvolvimento da sensibilidade ética e estética, valores, qualidade, alma, consciência, espírito. Experiências relacionadas à expressão, à comunicação, à organização de linguagens e à apropriação de si mesmo. Experiências referentes aos produtos, à divulgação, às produções culturais e à diversidade. Experiências individuais e coletivas, que ampliam nossa concepção de racionalidade para muito além das fronteiras tradicionais e auxiliam no processo de compreensão e transformação do mundo, e na criação da própria existência.

São muitos temas, cada tema por si só consistente, verdadeiros universos, o que nos dificulta sua descrição, e que nos remete à busca e encontro de respostas, passo a passo. Quanto mais sondamos suas possibilidades, mais complexos esses campos se afiguram.

“Mas num conceito filosófico central, isto é sinal de Saúde. Cada questão respondida leva à outra da qual previamente nem se poderia cogitar...” (LANGER CASTRO, 1992, p.108)³.

Para LAING, qualquer experiência é indescritível, pois a consciência pode compartilhar de toda uma sinfonia de nuances, sons, cheiros e sensações simultâneas, muito diferente da linguagem científica convencional que é descritiva, ao passo que a linguagem que permite o compartilhar da experiência deve ser retratadora. Para abordarmos esses temas precisamos da linguagem semelhante à poesia, à música, uma linguagem que retrate a experiência diretamente, transmitindo de algum modo seu caráter qualitativo (CAPRA, 1995, p.113)².

TERCEIRO ASPECTO

No acompanhamento de pessoas nessas atividades, o terapeuta ocupacional precisa se conservar atento e em uma disposição acurada, propiciando o estabelecimento de um contato pessoal consciente, com a qualidade de “um afeto catalisador” usando a expressão de (SILVEIRA)⁹, relacionamento no qual ocorre um influenciar recíproco, ocasionando uma transformação de todos os indivíduos envolvidos nesse processo.

Nestes temas encontramos várias metodologias e formas de abordagem do corpo e da arte, e o terapeuta ocupacional que quiser trabalhar com esses recursos escolherá aquelas que lhe convierem, mais de acordo com sua personalidade, experiências pessoais, suas concepções, sua compreensão e suas convicções clínicas, que são sustentações para estas práticas.

Apesar disto é preciso frisar que o terapeuta deve estar atento ao seu próprio processo de fruição criativa, e atento aos próprios processos corporais, para poder acompanhar a complexidade dos casos atendidos em toda a sua extensão. Também a ele cabe lançar-se nas experiências e vivências dessas atividades pois isto dará consistência à sua ação como terapeuta.

A principal marca da terapia ocupacional no que concerne à utilização dessas atividades, consiste em não ficar puramente numa aproximação teórica desses recursos mas principalmente em vivenciá-los: desenhar, pintar, esculpir, fotografar, filmar, dançar, atuar, construir objetos, e viver o corpo, ouvi-lo, estar atento, perceber sua linguagem e desenvolver práticas de cuidado.

O contato com o corpo e a arte geram um estado de excitação e ressonância mentais extremamente favoráveis ao trabalho criativo. São atividades catalisadoras do processo terapêutico que imprimem qualidade à vida das pessoas. Na arte e no corpo, a atividade humana se recria totalmente, na sua ação prática há uma fusão sincrética, uma reunião de várias instâncias: trabalho, conhecimento, comunicação e orientações valorativas, o que proporciona uma visão de conjunto de uma totalidade complexa (KAGAN, 1987)⁵.

Estas vivências educam o homem, proporcionam prazer estético, ativam o potencial criativo, criam sentidos e propósitos, auxiliam no reconhecimento da realidade e na apropriação de si mesmo e do mundo. Este processo transforma o terapeuta e o paciente, pois através dele ocorre uma retomada da unidade interna da natureza humana, e uma reunião dos fragmentos que a cultura da especialização e do isolamento nos impõe. A formação integral das pessoas, terapeutas e pacientes, é mais importante que as especializações técnicas.

QUARTO ASPECTO

Neste campo encontramos a possibilidade/necessidade de tecermos parcerias com artistas e outros profissionais, sensíveis à necessidade de se construir uma nova ética de convívio com a população, consciente de que essa associação cria uma renovação que pode

enriquecer todos os atores deste processo, não esquecendo a comunidade de forma geral.

QUINTO ASPECTO

É importante abordarmos a necessidade de desenvolvimento das condições físicas, materiais e pessoais para estes trabalhos: o espaço de trabalho (ateliê), os materiais (materiais técnicos simples são grandes recursos para começar), a formação da equipe de trabalho, são condições fundamentais, que servirão de base ao estímulo criador e conseqüente desenvolvimento de projetos individuais e coletivos.

E ainda, nesse processo, o cuidado com os produtos, no sentido deles ganharem significações coletivas e serem articuladas a uma rede de sustentação, fazendo sentido para um grupo ou para alguém, podendo vir a criar novos territórios de trânsito e troca, assumindo e afirmando as diferenças que vão surgindo, mas fundamentalmente estabelecendo um diálogo entre as formas vigentes e as que estão sendo engendradas pelas novas práticas: exposições, festas, participação em eventos e feiras, enfim, experiências em espaços de maior liberdade, que permitam a construção de um novo cotidiano, e que auxiliem na transformação cultural (LIMA, 1997, p.100)⁶.

DESDOBRAMENTOS

Há alguns anos nossa prática têm sido construída no sentido de atuar no campo da interface da saúde e da cultura, em projetos que atendam a população da Terapia Ocupacional. Desde o final de 1997 criamos o Laboratório de Arte, Corpo e Terapia Ocupacional, grupo de pesquisa cadastrado no CNPq, que no desenvolvimento de suas atividades tenta articular ensino, pesquisa e extensão universitária, com o objetivo de facilitar o acesso da população às produções artísticas e culturais da contemporaneidade, promover a assistência interdisciplinar, a pesquisa e o ensino, propiciando alternativas para a inclusão social da população atendida em Terapia Ocupacional.

A atuação no Museu de Arte Contemporânea da USP, nos projetos Programa Lazer com Arte para a Terceira Idade, coordenado pelo Prof. Sylvio Coutinho e o Projeto O Museu e o Público Especial, coordenado por Amanda Tojal, permitiu parcerias com profissionais de Terapia Ocupacional no interior de um museu de arte, local de cultura, auxiliando na construção de

propostas para esta população e na prática da inclusão social. Paralelamente criamos o Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional que se propõe a acompanhar grupos de atividades artísticas e corporais e compreende o fazer artístico, a atualização cultural e a divulgação das produções realizadas, atendendo um grupo de adolescentes e de adultos, como extensão de serviços à comunidade da Universidade.

Além disso, no decorrer deste período pudemos desenvolver outras propostas dessas práticas oferecidas à comunidade como uma oficina de teatro, grupo de danças circulares, curso de especialização lato-sensu, e em termos de pesquisa, desenvolvemos projetos ligados à graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado).

Nosso grupo de trabalho também vivência um processo de formação continuada com participação em diferentes propostas de formação, e no desenvolvimento de uma formação comum definida coletivamente pelos componentes do Laboratório de Pesquisa.

Nossa época contemporânea, constituída basicamente de necessidade de renovação e transformação da clínica, da ciência, das relações interpessoais e da própria cultura, provocou nossa imersão nestes três campos-universos de atuação: arte, corpo e terapia ocupacional. E, com os sentidos atentos e a observação cuidadosa nos confrontamos passo a passo, com um poço de necessidades e carências, características das práticas em saúde no nosso país, que solicitavam aos profissionais níveis diversos de ação que confluíssem para a luta pela cidadania, para a reconstrução material e simbólica da vida de cada pessoa, para a luta pela emancipação e promoção da autonomia pessoal.

Para isto temos lançado mão da pesquisa desses campos, das metodologias e abordagens à eles associadas, e da construção de práticas que ocorrem na interface da Arte e da Saúde. Sabemos que o importante nesse processo é a existência de projetos que facilitem a capacidade criadora do homem, que se configurem como condições e alternativas sociais, que se revelem propiciadores de qualidades essencialmente humanas: tolerância, paciência, expressão, comunicação, a vontade de fazer, e de fazer cada vez melhor, com qualidade e atenção... atenção ao corpo e ao processo de fruição criativa,... são fatores que devem fundamentar o trabalho do terapeuta ocupacional nesta interface.

Nosso intuito é investigar e refletir sobre o ensino e a construção do conhecimento nas abordagens corporais

e artísticas para terapeutas ocupacionais, percorrer campos interdisciplinares, e verificar a propagação que esta instrumentalização apresentará para a população atendida em Terapia Ocupacional, pois só um estudo neste nível é que pode afirmar a importância dessas práticas. Fazer falar o receptor desse processo.

Ampliar o universo de pensar e de agir do terapeuta, a partir de um processo gradual de vivência e construção desses conhecimentos, abordando aspectos teóricos e práticos, ampliando a experiência cultural e revitalizando a participação sócio-cultural dos terapeutas implicará num processo de inclusão social dos pacientes, já que a compreensão das possibilidades culturais é fundamental para tornar o indivíduo inserido no seu espaço e tempo, multiplicando possibilidades de atenção e melhora das condições de respostas às demandas da população assistida por este profissional. Há a necessidade de emancipação cultural do próprio terapeuta para que sua clínica pertença à contemporaneidade, e nesse sentido auxilie seu paciente nela conviver.

Arte e corpo são fenômenos que na nossa época podem vir a auxiliar na compreensão do ser e estar no mundo com os outros e no encontro de um sentido para a própria existência... O artista, consciente e inconscientemente, dá forma à natureza e aos valores de sua época que, por sua vez, são responsáveis pela sua formação. No campo clínico esta interação também ocorre.

Arte e corpo são catalisadores que precipitam os acontecimentos. Evidenciam a força criadora e vital. São fundamentais para pessoas que precisam encontrar outro meio de comunicação – que não podem utilizar apenas os meios intelectuais e discursivos ou para os quais esses meios não são suficientes; necessitam de gestos ou outras formas de expressão que auxiliem sua comunicação com o mundo, que possibilitem a expressão dos sentimentos, e permitam a vivência de uma unidade psicofísica em todos os aspectos da vida.

“O valor das idéias criativas está em que, tal como acontece com as chaves, elas ajudam a abrir conexões até então ininteligíveis de vários fatos, permitindo que o homem penetre mais profundamente no mistério da vida” (MARIE LOUISE VON FRANZ, 1985, p.310)⁴.

Arte e corpo são temas concebidos em bases extremamente amplas, formam um sistema aberto que não cerra portas a possíveis descobertas. Nestes campos há a oportunidade de abordar a realidade interior e de tomar consciência do seu eu essencial ou mesmo de seu ser... permitindo um devir de retorno lento a si

mesmo, de descoberta de sua própria singularidade e de fortalecê-lo de tal maneira que possa chegar a alcançar a realidade exterior do mundo.

Muitas vezes o aprofundamento nesses temas trás um desconforto, um incômodo que desestabiliza o sistema de conhecimento e práticas instituídas ... rompe com a normatização e estabelece o diálogo com o fora ... neste aspecto há duas proposições: uma de liberação da expressão – deixar falar aquele que na sua história pessoal ou clínica não foi ouvido – e outra de transformação do sistema e da cultura, de inclusão de outras formas de expressão, de entendimento e compreensão, de registros e representações de experiências singulares.

Contudo, o fundamental ainda é a coragem de nos relacionarmos com os outros seres humanos, o que implica em participar da construção do novo na nossa sociedade, na qual cabe a diferença. Significa a participação na construção de uma sociedade múltipla, enriquecida pela individualidade de cada um dos seus membros. Neste contexto é importante ressaltar:

“Cada visão de mundo é uma concepção entre muitas outras também formuladas. Não há estruturas absolutamente válidas, todos os modelos de existência são relativos” (M.L. von FRANZ in SILVEIRA, 1992, p.161)⁹.

CASTRO, E.D. Art, body and occupational therapy: approaches, intersections and unfoldings. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.1, p.7-12, jan./abr., 2000.

ABSTRACT: One of the occupational therapists challenges, starting from middles of eighties, was to introduce a real quality improvement on the attention offers to people who are living the rehabilitation process. This article looks for to discuss the importance of art and body under the viewpoint of the need of propitiating the invention of new practices. This subjects provide patients the same opportunity that are offered to other citizens, because they are instruments to transform routines and established orders. More over, offer people a knowledge that allows their own personal growth, material and symbolic life's reconstruction, autonomy, and social interation and social inclusion.

KEY WORDS: Occupational therapy, trends. Art therapy. Occupational therapy, human resources. Professional Capacity, trends.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROS, D.D. Jardins de Abel. *Desconstrução do manicômio de Trieste*. São Paulo : EDUSP; Lemos Editorial, 1994. p.96.
2. CAPRA, F. *Sabedoria incomum*. São Paulo : Cultrix, 1995. p.113.
3. CASTRO, E.D. *A apropriação de si mesmo através da dança*. Dissertação (mestrado) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, 1992. p.83, 108.
4. JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985. p.310.
5. KAGAN, M. El arte en el sistema de la actividad humana. In: *Estética, selección de lecturas*. La Habana : Editorial Pueblo y Educación, 1987.
6. LIMA, E.M.F. de A. Terapia ocupacional: um território de fronteira? *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.8, n.2-3, p.98-101, 1997.
7. ONU - Organização das Nações Unidas. *Normas sobre a equiparação de oportunidade para pessoas com deficiência*. São Paulo : APADE 7, CVI-NA, 1996.
8. READ apud Castro, E.D.
9. SARACENO, B. *La fine dell'intretenimento. Manuale di riabilitazione psichiatrica*. Roma : RCS Libri & Grandi Opere, 1995. p.11.
10. SILVEIRA, N. *O mundo das imagens*. São Paulo : Ática, 1992. p.161.

Recebido para publicação: 21/09/1999

Aceito para publicação: 28/10/1999